

MÁRCIO RABELO

TOMA AQUI MEUS SEIOS



**TOMA AQUI
MEUS SEIOS**

MÁRCIO RABELO

**TOMA AQUI
MEUS SEIOS**





O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Toma aqui meus seios
Copyright © 2020 - *Márcio Rabelo*
Todos os direitos são reservados no Brasil

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110
Centro – Rio de Janeiro – 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Revisão:

Pod Editora

Arte de Capa:

Fábio Darci

Diagramação:

Pod Editora

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R114t

Rabelo, Márcio

Toma aqui meus seios / Márcio Rabelo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : PoD, 2020.

156 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-86147-79-7

1. Poesia brasileira. I. Título.

20-67840

CDU: 869.1

02/12/2020

CDU: 82-1(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

PREFÁCIO

Ao contrário do que normalmente acontece, este livro nasceu do título. A sentença contida na oração TOMA AQUI MEUS SEIOS espelhou em minha mente no instante do seu nascedouro a imagem de uma mulher segurando os seios e os ofertando a alguém que eu não via. Mas essa imagem não se projetou de modo efêmero como tantas vezes acontece: manteve-se reverberando além da própria imagem um calor e um eco como ondas em propagação. Estava dado o ponto de partida.

Depois veio o mais difícil: escolher o gênero textual para contar essa narrativa, que certamente seria a história de uma mulher extremamente apaixonada, livre, intensa, honesta consigo mesma e destituída da censura que geralmente inibe o desejo ou, se não o inibe, de alguma forma o controla.

A prosa pareceu um caminho bom, justo, rentável, porém eu ainda desconhecía a personagem, eu não sabia aonde ela ia dar, de modo que preferi deixá-la falar, expressar sua intimidade e me doar os primeiros caminhos do seu pensamento. Nesse ponto, ela foi nascendo em versos — com a liberdade que pedia e de um jeito que não pensei —, e eu a conheci dentro de quartos em encontros fortuitos com seu amante que, se pouco falava, muito compartilhava das sensações a que se permitiam.

Essa era a primeira parte da narrativa intitulada O QUARTO. Deixei esse quarto indiscretamente me mostrar o casal, e a voz poética suscitava desde ali as figuras de linguagem como a forma mais apropriada para falar do seu universo.

Em verdade, "o quarto" é mais genérico do que propriamente um local único em que o casal vivencia a paixão, pois nem sempre os encontros acontecem no mesmo recinto; "o quarto" simboliza os instantes em que a carne se entrega ao desejo e expõe os personagens nos seus colóquios amorosos. Tampouco a atmosfera de "o quarto" finda-se nesta parte introdutória do livro, uma vez que há sempre um quarto para uma nova possibilidade de amor.

Era preciso, contudo, abandonar o escritor e deixar o narrador falar. Mas o narrador foi destituído ainda em estado embrionário para ceder o lugar da expressividade a um eu lírico feminino e, melhor do que ninguém, conhecedor das próprias sensibilidades e do vasto desejo que circunda um corpo que pede e se entrega.

Um corpo vivo, sem pudores e livre, mas também limitado — não no sentido da censura — mas impedido pelos instantes quando se percebe que o outro não está disponibilizando a visão das estradas.

Tendo a protagonista revelado a sua natureza nos primeiros poemas, fui intuindo a técnica para compô-la. Transitando pela parte inicial da história, notei de imediato o movimento de uma mulher que começou de repente e não findaria, pois o fim da história certamente não ganharia aquele sinal de pontuação muito comum ao término dos acontecimentos.

As informações iniciais do eu lírico insistiam em entregar uma composição do tipo que quer dar o máximo a partir de pouco. O cubismo parecia querer reforçar essa ideia quando os versos foram desenhando mosaicos e uma personagem fragmentada, embora inteligível, mesmo quando vista de ângulos diferentes.

Acresceu-se a esse formato o estilo dadaísta do improviso, oferecendo uma disposição de palavras — muitas vezes apenas uma palavra compõe o verso — com tendência à desordem pelo que parecia um emaranhado de versos aleatórios. No entanto, o que tendia à desordem não estava desamparado de sentido, e a lógica se formalizava, dando à voz poética condição de se apresentar e ser lida.

A poética é um campo da linguagem de simpática qualidade. Consegue oferecer um máximo de sentido a partir de um número limitado de palavras. Os noventa pequenos poemas que compõem a história deste livro conseguem condensar uma fatia substancial da vida da protagonista, condensação que não abrevia informações necessárias à sua apreensão, mas, em vez disso, possibilita, através das imagens poéticas e/ou jogo de palavras, a montagem de uma estrutura ficcional que — por que não? — pode ser chamada de gênero alternativo ou gênero híbrido.

Nada impede, por outro lado, que esse livro se classifique como um livro de poemas porque afinal, do ponto de vista mais estável, trata-se de um texto escrito em versos. A poesia é, de fato, a essência desta obra que, como informado, nasceu do próprio título e da performance de uma mulher exuberante.

Os poemas podem ser lidos de maneira independente e descontextualizada, todavia é no contexto e na sequência dos fatos que ganham maior plenitude e acabam por montar a história de uma personagem que, ao se permitir viver o amor do modo mais peculiar e natural que lhe é pertinente, permite-se também compreender e vagar pelo o que a vida tem de inusitado.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE - O QUARTO	9
SEGUNDA PARTE - A CASA	10
TERCEIRA PARTE - O CONVENTO	11
QUARTA PARTE - A CARNE	12
QUINTA PARTE - A MULHER	13

PRIMEIRA PARTE

◉ QUARTO

toma aqui meus seios	19
arrepio.....	20
sei o que sinto.....	21
sob o teto do cobertor.....	22
esse beijo.....	23
perfume.....	25
em pedaços.....	26
eu te amo.....	28
aqui estou.....	29
aquário.....	30
não para	31
e se foi	32
ainda mais	33
uma nota de piano	34
não faço tipo.....	35
deixa os óculos de lado.....	36
os poros.....	37
flutua.....	39
no bico do peito.....	40
neste quarto de hotel	42
não indago por que veio	44
ainda sei de mim?.....	45
bosque.....	46
voltar.....	48

SEGUNDA PARTE

A CASA

saúde.....	52
quando a lua veio	53
instantes	55
ressaca	56
minha secreta poesia.....	57
enfio o dedo	58
passagem.....	60
este outro	61
inexata	62
eu não te amo	63
indo embora.....	64
esse menino.....	66
um lago de lua	67
canção de mim.....	68
a rua tão grande	70

TERCEIRA PARTE

O CONVENTO

visita	72
as freiras.....	74
licor.....	77
não vim para isso.....	78
todo o seio.....	80
o claustro.....	82
jejum.....	84
a fome de infinito.....	85
padre	88
tiro o véu	90
ilícito.....	92
lembra?.....	94
Já não é hora?.....	96
fiquei sem ar	97
fazer a mala.....	98
desertada	99
imperativos	100
Dalva.....	102

QUARTA PARTE

A CARNE

bar.....	105
depois ele veio.....	106
põe aqui tua dor.....	108
a tua tanta.....	109
altar.....	110
sobre a cama.....	111
serei carne.....	113
não devia perguntar.....	114
o silêncio que ficou.....	115
labirinto.....	117
um avião cruzando o céu.....	119
mas.....	120
o corpo delgado.....	122
talvez com outra.....	123
o nome das meninas.....	124
herança.....	125

QUINTA PARTE

A MULHER

essas mulheres.....	129
essa mulher.....	130
homem regressado.....	131
veio pra cima.....	133
fui toda dele.....	134
foi todo meu.....	136
casamento.....	139
lua minguante de mel.....	140
quero te dar.....	141
ponto de equilíbrio.....	142
consternação.....	143
tumor.....	144
deitar contigo.....	146
o que se leva.....	147
partida.....	149
depois do amor.....	151
amor.....	152

para o amor
qualquer amor
que **se** viveu

PRIMEIRA PARTE
○ QUARTO ○

TOMA AQUI MEUS SEIOS

toma aqui meus **seios**
para tocares com **os** olhos
vermelhos
de amor eu não **sei**
mas **desejo**
e gula

toma aqui meus **seios**
deposita o beijo
guardado
mata a **sede**
esse lampejo

depois me **dizes**
o que **disseram**
se foram felizes
em tua boca

puros olhos vermelhos
de amor eu não **sei**
talvez
talvez **desejo**

ou entre **ânsia** e lampejo
algo **assim**
inexato
tu **sustentas**
no olhar

quanto a mim
todo o **seio**
te ofertar

ARREPIO

naquela noite
teus dedos entre os meus
arrepiei
dentro
e fora

e depois
o que sobrou
me devora

mulher desfeita
antes toda feita
de luta e coragem

agora
miragem
que teus olhos não veem
ou veem
por fora

agora
deserto
quente e frio
arrepios
meu corpo atravessa



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

212236-0844

www.podeditora.com.br

atendimento@podeditora.com.br

2020